

Os Atentados ao Charlie Hebdo e Seus Desdobramentos On e Off-Line¹

Liliane de Lucena Ito²
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

Resumo

Apesar de recentes, os ataques ao jornal satírico francês Charlie Hebdo podem ser comparados, reservada a amplitude e o número de vítimas, aos atentados norte-americanos de 11 de setembro de 2001. Ambos os países, França e Estados Unidos, tradicionalmente tidos como parâmetros de nações ocidentais, foram atacados em seu próprio território por fundamentalistas islâmicos. Consequentemente, repercussões sobre religião, liberdade de expressão e xenofobia surgiram na esfera pública. De movimentos em redes sociais a posicionamentos políticos, houve grande discussão a respeito do atentado em si, bem como sobre a linha editorial do jornal e a situação de imigrantes franceses. Neste artigo, intenciona-se um debate crítico sobre algumas dessas questões.

Palavras-chave: liberdade de expressão; Charlie Hebdo; Twitter; imprensa francesa; xenofobia.

Muros invisíveis da cultura francesa

No oeste europeu, a França é o país com maior percentual de população islâmica: 7,5%³ de seus habitantes são muçulmanos, em grande parte indivíduos que migraram de ex-colônias francesas (ou seus descendentes) para reconstruir o país após os estragos da Segunda Guerra Mundial⁴. Entretanto, a relação francesa com o mundo árabe data de muito tempo atrás: são ao menos doze séculos de história, com vários episódios envolvendo esses dois polos étnico-culturais (como a batalha de Tours, travada entre mouros e franceses, em 732, que marcou o fim da expansão muçulmana na Europa durante a Idade Média).

Entretanto, é entre os anos 50 e 70 do século passado que se estabelece o cenário de relação entre franceses e imigrantes existente até a atualidade, pois são as décadas em que foram criadas medidas de controle ou permissão de estrangeiros no país, entre outras

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda vinculada ao programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), orientada pelo professor Dr. Mauro de Souza Ventura, e-mail: lilianedelucena@gmail.com

³ Segundo dados de 2010 do Pew Research Center.

⁴ Nesta fase de imigração francesa, há uma concentração de imigrantes de um grupo étnico específico: os *magrebes*, pertencentes aos seguintes países: Marrocos, Tunísia, Argélia, Mauritânia e Líbia.

regulamentações. Na segunda metade dos anos 70 e principalmente nos anos 80, a população muçulmana se instala de vez na França e surgem, então, suas primeiras reivindicações (salários melhores, moradia, reconhecimento das alteridades culturais e religiosas). Nesta fase, há uma ascensão de movimentos de minorias, entre eles não apenas islâmicos, mas também gays e feministas, por exemplo. A identidade *beur*⁵ se fortalece (MACHADO, 2009). Ao mesmo tempo, mais longe da fase de reconstrução do pós-guerra, a economia desacelera, e o governo francês adota então medidas de restrição da imigração por grupo familiar, além de vincular a permissão da entrada na França às necessidades de mão de obra do país (SILVA, 2013).

É na virada dos anos 80 para 90 que cresce o sentimento anti-islâmico em parte da população francesa, algo que permanece latente não só na França, mas em grande parte da Europa até hoje. Numa fase global de turbulência econômica e política, momento de vários marcos históricos como o fim da Guerra Fria e a constituição de uma nova ordem mundial baseada no poder econômico das nações, acontece também o fortalecimento de vários grupos radicais islâmicos. Alguns de seus atos têm repercussão internacional, como o que se desenrolou na Inglaterra, em 1989, quando o aiatolá Khomeini, líder máximo do Irã, país convertido ao islamismo xiita, declarou uma *fatwa* (sentença de morte) ao escritor Salman Rushdie, britânico de origem indiana e autor do livro *Versos Satânicos*. Naquela época, Khomeini instigou muçulmanos radicais a perseguirem e matarem Rushdie por seu livro se referir a dois versículos colocados e retirados por Maomé do Corão, livro sagrado do Islamismo. Rushdie teve de viver sob proteção da Scotland Yard por 12 anos e dois de seus colegas de trabalho sofreram atentados, um deles resultando em morte.

Cerca de dois anos após o caso Rushdie, em 1991, o mundo assiste ao conflito militar da Guerra do Golfo, que envolve disputas entre o Iraque e uma coalizão de países ocidentais, liderada pelos Estados Unidos. Dez anos depois, com os atentados de 11 de setembro, a intolerância a muçulmanos cresce ainda mais, principalmente nos Estados Unidos. Segundo relatório do *Humans Right Watch*, organização não-governamental que realiza pesquisas sobre direitos humanos, houve um aumento importante nos crimes contra muçulmanos ou pessoas que aparentavam sê-lo, que vão de insultos a assassinatos. O relatório cita dados do FBI (*Federal Bureau of Investigation*) de 2002, que mostra que o número de crimes islamofóbicos cresce de 28, em 2000 (pré-ataques) para 481 em 2001 (ano dos atentados).

⁵ *Beur* é um termo que denomina pessoas nascidas na França que descendem de imigrantes oriundos da África do Norte.

Entretanto, isso também acontece em outras partes do mundo. Simbolicamente, os muçulmanos passam a ser relacionados a terroristas, principalmente nos grupos ideológicos de direita. A pesquisa *Global Attitudes and Trends*, de 2010, indagou franceses sobre que tipo de sentimento tinham, positivo ou negativo, em relação a muçulmanos. No geral, 72% são favoráveis; daqueles que são desfavoráveis, o percentual maior vem dos respondentes de posição política de direita (40%), enquanto a esquerda fica com 17%⁶.

Na França, mesmo que em alguns momentos a imigração *magrebe* tenha sido estimulada (com a finalidade de reconstrução do país), nunca houve um programa satisfatório de políticas públicas no país que prezasse pela integração cultural. Vítimas de um longo processo de discriminação, os muçulmanos na França continuam marginalizados e vivem em bairros periféricos e com alto índice de desemprego. São parte de uma população jovem quando comparada aos europeus não-muçulmanos: enquanto a média de idade de europeus muçulmanos em toda a Europa é de 32 anos, a média de idade para os não-muçulmanos é de 40 anos⁷. Juntamente a outros imigrantes, muitas vezes ilegais, sofrem sanções que podem ser veladas, como o preconceito na hora de competir por uma vaga de trabalho. Um estudo realizado durante dois meses em 2006 revelou a discriminação no mercado de trabalho francês. O experimento tinha por objetivo testar se o local de residência, a nacionalidade e a origem do nome e sobrenome de um candidato a emprego em Paris influenciavam empresas no momento da escolha de candidatos a serem entrevistados. Dezesesseis perfis de candidatos a emprego foram criados, todos idênticos, com diferenças apenas na localidade da moradia, origem, nome e sobrenome, que poderiam ser franceses ou marroquinos. “Candidatos de nacionalidade e de origem marroquina precisam, em média, enviar mais de dez vezes o número de currículos a fim de obter o mesmo número de entrevistas de emprego que candidatos de nome e sobrenomes franceses obtêm”⁸ (DUGUET *et. al.*, 2009, p. 22).

Já outras sanções são compulsórias, como alguns dos recentes episódios ocorridos no governo de Nicolas Sarkozy (2007-2012), incluindo a lei de 2010 contra o uso do véu islâmico em ambientes públicos, apoiada em 2014 em decisão final e inapelável pelo

⁶ Pesquisa realizada pelo Pew Research Center. Dados extraídos de: < <http://www.pewglobal.org/2014/05/12/chapter-4-views-of-roma-muslims-jews/#mixed-views-of-muslim-minorities>>. Acesso em maio de 2015.

⁷ Pesquisa realizada pelo Pew Research Center. Dados extraídos de: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/01/15/5-facts-about-the-muslim-population-in-europe/>. Acesso em maio de 2015.

⁸ Tradução da autora de: “Applicants of Moroccan nationality and origin must, on average, send over ten times as many resumes in order to obtain the same number of invitations to job interviews as applicants whose surnames and forenames are of French origin.”

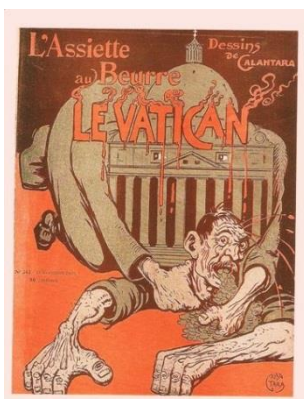
Tribunal Europeu de Direitos Humanos; e a expulsão de imigrantes ilegais do país (que envolveu não apenas árabes ou *magrebes*, mas também outros povos, como os ciganos).

O choque cultural é nítido em relação a todos os imigrantes e tais conflitos e preconceitos emaranham-se em raízes que datam ainda da fase de colonização. Estudos como os de Arai *et. al.* (2009) mostram posturas distintas entre imigrantes oriundos de ex-colônias francesas e pessoas de origem similar, porém nascidas na França. Enquanto estes se adaptam à cultura francesa e procuram adquirir hábitos e costumes locais, batizando seus filhos com primeiros nomes tipicamente franceses, os imigrantes têm maior dificuldade ou adotam medidas que claramente sinalizam uma não conformação à incorporação da cultura outrora imperialista. Estes, por sua vez, costumam batizar os filhos com nomes distintos dos convencionais na França. Outro elemento que sinaliza incorporação ou objeção à cultura francesa é a língua (SILVA, 2013). Assim, descendentes de imigrantes de origem latino-americana e europeia, no geral, falam francês perfeitamente bem, uma vez que não foram colonizados e muito pelo fato de o domínio da língua significar possibilidades de uma vida melhor. Já aqueles que descendem de famílias oriundas de ex-colônias falam francês com sotaque carregado, principalmente no caso dos homens, como uma forma de não conformação (total) ao idioma francês. Ao discorrer sobre o processo de incorporação e sua importância social, Raymond Williams diz que: “Mas sempre o ponto-chave é a seleção - a forma pela qual, a partir de toda uma área possível do passado e do presente, certos significados e práticas são negligenciados e excluídos” (WILLIAMS, 2011, p.54). A língua e a escolha dos nomes são apenas dois dos vários exemplos de não-incorporação da cultura francesa como hegemônica por imigrantes na França.

Contra tudo e todos

A França talvez seja, no mundo, o país cuja a imprensa satírica é a mais ácida no que se refere a atacar não apenas pessoas públicas e religião, mas também a política, o poder e o *status quo* em geral. Essa tradição jornalística libertária ganha força ainda na época da Revolução Francesa de 1789 e tem seu auge no século XIX, quando diversos títulos corrosivos surgem para contestar tudo e todos. À época da Revolução, personas como o rei Luís XVI e sua esposa, Maria Antonieta, eram constantemente retratados como porco e serpente em caricaturas nesses jornais.

Assim, é importante lembrar que, além do Charlie Hebdo, há outros periódicos semelhantes na França. Atualmente, o maior concorrente do Charlie Hebdo é a revista *Le Canard Enchaîné*, semanário criado em 1915. Em relação a ela, “Charlie” é bem mais recente: seu surgimento está relacionado ao fim de outra publicação satírica. Em 1969, é publicada pela primeira vez a *Hara-Kiri Hebdo*, com a mesma proposta de falar de tabus e criticar política, religião, entre outros temas espinhosos. Foi banida da França no ano seguinte, quando publica uma polêmica capa que faz humor da morte do general francês e herói de guerra, Charles de Gaulle. Os editores da “*Hara-Kiri*” retiram o título de circulação e o substituem pelo Charlie Hebdo. O nome, Charlie, é uma homenagem ao personagem Charlie Brown, obra do cartunista norte-americano Charles Schulz. E Hebdo vem da palavra hebdomadário (semanal), um verbete de origem grega (*hebdomana*, que significa semana). A grande inspiração do Charlie Hebdo, segundo o historiador Christian Delporte⁹, é o periódico *L'Assiette au Beurre*, jornal anarquista publicado de 1901 a 1936 que questiona o poder instituído nas esferas política, militar e religiosa. Em 1981, o Charlie Hebdo para de circular por questões financeiras e só retorna em 1992.



Imagens 1, 2 e 3. Da esq. para a dir.: capa do *L'Assiette au Beurre*, jornal anarquista que é uma das inspirações para o Charlie Hebdo; capa do *Hara-Kiri Hebdo* que satirizou a morte de Charles de Gaulle e significou o fim da publicação; capa do Charlie Hebdo posterior aos ataques de 7 de janeiro de 2015

O impacto do título, em termos de circulação, nunca foi grande; entretanto, suas capas polêmicas e o escárnio com que trata certos temas é marcante e, obviamente, malquisto por vários, explicitado em vários momentos que precedem os ataques de janeiro de 2015. Especificamente, o jornal irritou fundamentalistas islâmicos quando, em 2006, republicou charges consideradas ofensivas do profeta Maomé, originalmente mostradas no ano anterior

⁹ Em entrevista para o site português RTP Notícias. Disponível em: rtp.pt/noticias/index.php?article=795407&tm=7&layout=121&visual=49. Data de acesso: 15/4/15.

pelo periódico dinamarquês *Jyllands-Posten*. Em 2007, os tribunais franceses arquivaram processo contra o Charlie Hebdo, movido por entidades muçulmanas que se sentiram vítimas da linha editorial satírica do jornal. E no ano de 2011, a redação foi atacada e destruída por uma bomba incendiária.

Os ataques de 7 de janeiro de 2015 foram arquitetados para matar o maior número de profissionais do jornal, uma vez que foi escolhida a hora emblemática de reunião de pauta. No total, foram 17 vítimas, além de três terroristas mortos pela polícia francesa. “Vingamos o profeta!”, era a frase dita pelos atiradores após o massacre na redação.

A repercussão popular on e off-line

Logo após a notícia do atentado surgir na mídia, iniciou-se um movimento de repercussão popular mundial nas redes sociais da internet, além de blogs de opinião. A natureza das mensagens era diversa, bem como eram diversas as plataformas utilizadas pelos usuários: compartilhamento de links no Facebook, tuítes opinativos sobre a tragédia, mensagens sobre o assunto no Whatsapp, além de longos textos de autores (desconhecidos a renomados) na blogosfera. Segundo dados oficiais do Twitter¹⁰, mais de cinco milhões de tuítes foram publicados com a hashtag *#JeSuisCharlie* (eu sou Charlie), que simbolizava o apoio ao jornal e também à liberdade de expressão. O pico de tuítes se deu às 21h do dia 7, quando, em média, 6.200 por minuto eram publicados com a hashtag *#JeSuisCharlie*. Entretanto, apesar da grandiosidade da repercussão a favor do jornal, houve reflexões críticas sobre o humor negro da publicação e sua influência ao fortalecer posicionamentos racistas e xenófobos (muitas vezes marcadas pela hashtag *#JeNeSuisPasCharlie*, “eu não sou Charlie”). Um dos diversos textos em português que propõe uma visão crítica ao apoio massivo mostrado nas redes sociais (e que circulou em vários blogs sem a autoria devidamente creditada) é do jornalista Rafo Saldaña, que defende ser contra os ataques, mas também contra a linha editorial do Charlie Hebdo que, a seu ver, desrespeita a crença e cultura islâmicas:

¹⁰ Dados extraídos de <<http://reverb.guru/view/237925268987254087>>. Último acesso em 12/3/2015

Mas existe outro problema, ainda mais grave. A maneira como o jornal retratava os muçulmanos era sempre ofensiva. Os adeptos do Islã sempre estavam caracterizados por suas roupas típicas, e sempre portando armas ou fazendo alusões à violência, com trocadilhos infames com “matar” e “explodir”...). Alguns argumentam que o alvo era somente “os indivíduos radicais”, mas a partir do momento que somente esses indivíduos são mostrados, cria-se uma generalização [...] (SALDAÑA, 2015, *on-line*).

A postagem, que data do dia 8 de janeiro, um dia após os atentados, tem 574 comentários. Após leitura dos mesmos, foi possível observar expressões de opiniões que discordam e outras que concordam com os argumentos apresentados pelo autor. Alguns suscitam debates virtuais realmente acalorados. E em determinados comentários, há a explicitação de opiniões preconceituosas sobre o islamismo, como nos dois excertos abaixo (a identidade dos autores foi preservada):

1. [...] Vá morar lá nesse mundo de gente fundamentalista e tapada, se acha que essa mitologia do ódio deles tem algo de sagrado. O maomé foi um grande de um picareta. isso sim. Quem não gosta vai fazer o que, me matar? ah, tenha dó. brasileiro dando corda pra islan [sic], querendo ser o ponderador intelectual.
2. [...] O ponto é que o Islã não é apenas uma religião e cultura, eles também possuem uma agenda e ideologia, e não medem esforços, moral ou ética para atingir seus objetivos. São, sim, perigosos para o ocidente e para eles mesmos. A Islamofobia não é uma fomentação gratuita e ilegítima, como vocês se esforçam tanto para pensar.¹¹

Shohat e Stam (2006), ao abordar as características que definem o racismo, defendem que sua dimensão não se limita apenas aos limites do discurso, além de estar relacionado ao sentimento de superioridade e de ser um sentimento coletivo. Sua consolidação acontece na fundamentação de uma identidade de grupo baseada numa antipatia arbitrária e, além de tudo, o racismo, em suas origens psíquicas, possui raízes no sentimento de medo do outro. Medo que pode ser exemplificado em vários textos, inclusive nos trechos grifados nos excertos acima, que ao mesmo tempo em que generalizam o extremismo para todos os islâmicos, os relacionam a perigo e morte.

¹¹ Grifos meus.

O racismo é a tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou psicológica. Embora membros de todos os grupos possam ter opiniões racistas – não há imunidade genética nesses casos – não é todo grupo que detém o poder necessário para praticar o racismo, ou seja, para traduzir uma atitude preconceituosa em opressão social. (SHOHAT; STAM, 2006, p. 51)

Apesar de a imprensa ser um elemento na sociedade capaz de, mesmo que simbolicamente, efetuar opressão social, não cabe nesta análise defender se as charges satíricas de Maomé (e também outras, como as que comparam negros a macacos) são racistas ou são liberdade de expressão (algo que demandaria um estudo muito mais aprofundado). O fato é que os atentados ao Charlie Hebdo ocasionaram debates inflamados na esfera virtual, com consequências sentidas no país como um todo, alguns deles notadamente islamofóbicos e racistas.

Dias após os ataques, quatro mesquitas e centros de orações foram alvo de retaliações, em um dos casos com granadas. Por conta de episódios como esses, teve início nas redes sociais movimentos de apoio a muçulmanos inocentes. Essas manifestações eram marcadas por hashtags como *#VoyageAvecMoi* (viaje comigo), em que franceses se ofereciam para acompanhar muçulmanos em transporte público, a fim de evitar ataques a indivíduos dessa religião. Além desta, outras hashtags, como *#JeSuisAhmed* (“eu sou Ahmed”, referência ao policial muçulmano morto com um tiro na cabeça pelos extremistas que realizaram o ataque à redação), *#JeSuisJuif* (“eu sou judeu”, relacionada às vítimas do ataque ao mercado *kasher*, dois dias após o ataque ao jornal) e *#JeSuisPolicier* (“eu sou policial”, referente aos policiais assassinados) mostravam novos posicionamentos críticos. Estes, vale lembrar, nem sempre contestavam a postura do Charlie Hebdo, como nas postagens e textos que faziam referência a *Je Ne Suis Pas Charlie*.

Entretanto, imersos na onda opinativa que surgiu acerca dos acontecimentos, políticos de extrema direita na França reforçaram publicamente a aversão a imigrantes, em especial a islâmicos. Marine Le Pen, filha de Jean-Marie Le Pen, e líder da Frente Nacional, declarou em um evento no sul da França no dia 11 de janeiro: "A partir de amanhã vai começar o debate sobre o que não foi feito. Será que a política internacional da França é a boa política? Será que são utilizados todos os meios para combater o islamismo na França?"¹². Seu pai, por sua vez, postou um vídeo em seu perfil oficial no Twitter dizendo que não era

¹² Segundo o site da BBC Brasil. Disponível em: <bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150109_ataque_hebdo_direita_franca_df>. Acesso em 15/4/2015.

Charlie (*Je Ne Suis Pas Charlie*), numa crítica à linha editorial do jornal. Aqui, entretanto, é preciso refletir sobre a apropriação da frase por Le Pen: uma vez por ele proferida, demonstra um posicionamento que pode ser muito mais radical em comparação àqueles mostrados por usuários comuns em redes sociais em relação à liberdade de imprensa. Le Pen, personagem importantíssimo na extrema direita francesa, possui um longo histórico de acusações contra a imprensa, a qual acusa de corrupta, além de ser a favor de fechar cada vez mais os muros da França.

Os atentados foram o gancho que a extrema direita e os grupos contra a imigração precisavam para defender seus pontos de vista. Em entrevista à rádio RTL, Florian Philippot, vice de Marine Le Pen, disse que: “Qualquer um que diga que o radicalismo islâmico não tem nada a ver com a imigração está vivendo em outro planeta”¹³.

Mesmo que a extrema direita não esteja no poder atualmente, esse tipo de manifestação evidencia desejos latentes oriundos de uma cultura residual, cujas raízes estão nas justificativas econômicas e ideológicas que datam do imperialismo. Williams (2011) faz uma importante distinção entre formas residuais e emergentes dentro da cultura alternativa e na cultura opositora:

Uma cultura residual está geralmente a certa distância da cultura dominante efetiva, mas é preciso reconhecer que, em atividades culturais reais, a cultura residual pode ser incorporada à dominante. Isto porque alguma parte dela, alguma versão dela – sobretudo se o resíduo é proveniente de alguma área importante do passado – terá de ser, em muitos casos, incorporada se a cultura dominante quiser fazer sentido nessas áreas [...]. Por “emergente” quero dizer, primeiramente, que novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados. (WILLIAMS, 2011, p. 56- 57)

Ou seja, atualmente, a cultura dominante, bem como o governo na França, certamente não estão alinhados aos pontos de vista defendidos por partidos de extrema direita; entretanto, é em ocasiões como a dos ataques ao Charlie Hebdo que se mostra o resíduo cultural conservador, fortemente arraigado a questões históricas imperialistas, defendido por determinados políticos e intelectuais franceses. Momentos como esse podem significar uma incorporação por segmentos da população que, no auge da comoção diante dos assassinatos, passam a praticar a intolerância étnico-religiosa em seu dia a dia. Ao mesmo tempo,

¹³ Segundo o site G1. Disponível em: <g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/eu-nao-sou-charlie-declara-ex-lider-da-extrema-direita-na-franca.html>. Acesso em 15/4/2015.

poderiam ser vistos como emergentes, no sentido de novos “significados, valores, práticas e experiências”, as ações realizadas por cidadãos franceses preocupados com a segurança de muçulmanos inocentes, intermediadas virtualmente pela web e concretizadas no transporte público. Em apoios do tipo, disseminados voluntariamente em rede, é possível remeter (e por que não, fazer juz) ao lema da Revolução Francesa: “liberdade, igualdade, fraternidade”.

Considerações finais

Neste artigo, intencionou-se tecer apontamentos críticos diante de algumas repercussões on-line e off-line após os ataques de janeiro de 2015 ao Charlie Hebdo. A França é composta por uma diversidade de habitantes de pensamento e cultura distintos e, por vezes, também opostos. Todos se encontram reunidos num cenário democrático e laico, entretanto não livre de intolerância étnico-religiosa e desigualdades sociais. Os três assassinos eram franceses, nascidos na França, e muçulmanos fundamentalistas. A motivação dos primeiros crimes, realizados na redação e em seus arredores, era vingar o profeta Maomé, ridicularizado pelo Charlie Hebdo aos olhares dos muçulmanos. Os outros crimes, entretanto, tiveram outro alvo que não a imprensa satírica, mas civis e judeus, o que denota, além de violência, outra intolerância de ordem étnico-religiosa.

Em um episódio tão triste e de tamanha magnitude, naturalmente surgiram repercussões populares do mundo todo, registradas num volume bastante expressivo no virtual, em blogs e redes sociais. Nesses ambientes, é possível observar opiniões diversas, explicitando avanços e limitações no que concerne ao respeito pela alteridade cultural e religiosa de povos não-etnocêntricos.

Ironicamente, os atentados promovidos por extremistas que querem a todo custo honrar sua religião fortalecem pensamentos e ações residuais imperialistas, que subjugam culturas para justificar seus fins, funcionando como uma justificativa para o discurso de viés colonialista da política de extrema direita.

Referências bibliográficas

ARAI, M. et. al. (2009). Children's first names and immigration background in France. **The Stockholm University Linnaeus Center for Integration Studies (SULCIS)**. Disponível em: <http://www.su.se/polopoly_fs/1.55359.1321514453!/SULCIS_WP2009_6.pdf>. Acesso em: 3/2/2015.

DUGUET, E. *et al.* (2009). Are young French jobseekers of ethnic immigrant origin discriminated against? A controlled experiment in the Paris area. **HAL Archives Ouvertes**. Institute for Labor Studies and Public Policies. Disponível em: <halshs-00809665>. Acesso em: 3/2/2015.

MACHADO, P. (2009). **Visões do islã europeu: uma análise do debate intelectual sobre a presença muçulmana na França**. 141 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SALDAÑA, R. (2015). **Je Ne Suis Pas Charlie** (on-line). Disponível em: <emtomdemimimi.blogspot.com.br>. Acesso em : 10/4/2015.

SHOHAT, E.; STAM, R. (2006). Do eurocentrismo ao policentrismo. In: _____. **Crítica da imagem eurocêntrica**. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify.

SILVA, R. (2013). Meu pai é uma diarista: raça classe e gênero discutidos a partir do cinema francês. (Análise do filme *Mon Père est femme de ménage*). **Revista Vernáculo**; n. 32, 2.º sem./2013 - Dossiê Olhares sobre a Escola: Representações da Escola no Cinema. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/rt/metadata/35011/0>>. Acesso em 30/3/2015.

WILLIAMS, R. (2011). Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: _____. **Cultura e Materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp.